

SOCIAL PEDAGOGY AND INTERGENERATIONALITY: A NECESSARY RELATIONSHIP

IRAN DE MARIA LEITÃO NUNES
Universidade Federal do Maranhão
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4309-0742>
iran.nunes@ufma.br

Submetido 14/01/2024 - Aceito 12/07/2024

DOI: 10.15628/holos.2024.17434

ABSTRACT

The foundations and practice of Social Pedagogy, in different times and spaces, invite us to reflect on its relationship with intergenerationality, given the diversity of the age groups of the subjects involved in it. This is how we aim to recognize them in these relationships, in their different phases of the life cycle. We start from the understanding of the term generation to relate intergenerationality with the modalities of transmission and the experience of knowledge, in peaceful or

conflictive coexistence. To do this, we anchored ourselves in the productions of Claudine Attias-Donfut (1988, 1991), Sáez Carrerras (2002), Dumazedier (2002), Ferrigno (2010), Freire (1983, 1996), Mannheim (1982), Ramos (2005, 2012, 2013), Silva and Ribas Machado (2013). Recognizing it in our daily lives and highlighting its importance for the training of the social educator requires assuming a dialogical position, in Freire's perspective.

KEYWORDS: Social Pedagogy, Intergerationality, Coeducation

PEDAGOGIA SOCIAL E INTERGERACIONALIDADE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

RESUMO

Os fundamentos e a prática da Pedagogia Social, em diferentes tempos e espaços, nos provocam refletir sobre a sua relação com a intergeracionalidade, tendo em vista a diversidade das faixas etárias dos sujeitos nela envolvidos. Assim é que nos voltamos para seu reconhecimento nessas relações, em suas diferentes fases do ciclo de vida. Partimos da compreensão do termo geração para relacionarmos a intergeracionalidade às modalidades de transmissão e a vivência de saberes,

em coexistência pacífica ou conflituosa. Para tanto, ancoramo-nos nas produções de Claudine Attias-Donfut (1988, 1991), Saez Carrerras (2002), Dumazedier (2002), Ferrigno (2010), Freire (1983, 1996), Mannheim (1982), Ramos (2005, 2012, 2013), Silva e Ribas Machado (2013). Reconhecê-la em nosso cotidiano e evidenciar a sua importância para/na formação do/a educador/a social, requer assumir uma postura dialógica, na perspectiva freiriana.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia Social, Intergeracionalidade, Coeducação

1. INTRODUÇÃO

Da nossa participação no GT 2 - Pedagogía Social: ayer y hoy, no III Seminário Pedagógico Hispano-Brasileiro e II Seminário Pedagógico Ibero-Americano Práticas Escolares Socioeducativas¹, decorre o presente artigo, que versa sobre a relação entre a Pedagogia Social e a intergeracionalidade.

A Pedagogia Social tem um longo percurso em diferentes espaços e tempos, com diversas concepções quanto à sua teorização e aos seus campos de aplicação, notadamente na Espanha e no Brasil. Ela, que se iniciou como uma doutrina de caridade para crianças e jovens, passou a ser formulada como uma doutrina com a atenção voltada para os problemas humano-sociais, que podem ser tratados a partir de instâncias educativas. (MENDIZABAL, 2016, p. 60).

A partir da concepção de Quitana (1984) de que a Pedagogia Social é vista como a ajuda da Pedagogia para o alcance de soluções das deficiências provocadoras de problemas ao desenvolvimento dos indivíduos, a referida autora (MENDIZABAL, 2016, p. 61) afirma que, nesta perspectiva, a Pedagogia Social deveria se ocupar de questões como:

1. A assistência material e moral às crianças e jovens abandonados;
2. O combate ao analfabetismo, à marginalização social;
3. A prevenção e correção da delinquência juvenil.

Abrangeria também: a educação compensatória; a educação de adultos; a terceira idade; a promoção comunitária; e a educação socioeducativa.

Contudo, ela ressalta que a Pedagogia Social não pode se reduzir a uma pedagogia da necessidade ou da marginalização, mas deve abranger todo o contexto social, a partir de uma perspectiva crítica, visto que:

La meta de la Pedagogía Social crítica es llevar a cabo una educación emancipativa, en un proceso dinámico, entendiendo al sujeto como un individuo con sus problemas, deseos, ideas y experiencias biográficas y no como un objeto de intenciones unilaterales por parte del pedagogo. (MENDIZABAL, 2016, p. 57).

O caráter emancipatório da Pedagogia Social, nos remete à sua prática no Brasil, muito relacionada à Educação Popular pois, de acordo com Machado (2014, p. 197):

Foi identificada a existência das vertentes alemã, francófona e anglo-saxã da Pedagogia Social e suas influências sobre diversos países, mas desenha-se um vertente latino-americana que se inspira na tradição da Educação Popular, especialmente a linha teórica inspirada em Paulo Freire.

¹ Eventos organizados pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidad Complutense de Madrid e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

Nesse sentido, o supracitado autor destaca que, no Brasil, temos:

A Educação Popular, Social e Comunitária, que se configura como práticas educativas de resistência que foram forjadas no âmbito dos movimentos populares, sociais e comunitários, sempre à margem da política educacional, em espaços outros que não a escola. Paulo Freire é a principal referência teórica e metodológica deste movimento, que tem como matriz epistemológica o Movimento Popular de Cultura (MPC) e forte atuação nos processos de alfabetização e na Educação de Jovens e Adultos.

A Pedagogia Social, com pretensões de se erigir como uma área de conhecimento das Ciências da Educação e se constituir como referencial teórico para a Educação Social no Brasil, reportando-se também à Educação Popular e Comunitária. Esta é a área em construção [...] e que tem como nomes importantes Antonio Carlos Gomes da Costa, Maria Stela Graciani e Geraldo Caliman. (MACHADO, 2014, p. 136).

Entretanto, reconhecemos que, independentemente do local em que a Pedagogia Social ocorre, sua prática envolve diferentes as faixas etárias de seus sujeitos, quer na condição de educador/a ou de educando/a. Ao realizar-se em diferentes situações (na relação educador/a e educando/a; nas turmas, entre os próprios/as educandos/as; e dos/as educadores/as entre si), há o exercício da interrelação de diversas gerações, com variadas vivências e concepções de mundo.

Razão pela qual desejamos evidenciar esse aspecto que se encontra presente na Pedagogia Social: a intergeracionalidade, por considerarmos significativo trazer para reflexão a necessária relação entre elas.

Para tanto, iniciamos trazendo algumas considerações sobre compreensão sobre gerações e a intergeracionalidade. Em seguida, estabelecemos a relação entre a Pedagogia Social e a coeducação de gerações, finalizando apresentando alguns desafios para que ela se realize.

2. GERAÇÕES E INTERGERACIONALIDADE

As gerações são compreendidas, como um dos “sintomas da Modernidade”, na expressão de Ferrigno (2010, p. 40), são “descobertas” e as idades “inventadas”, social e historicamente construídas, cabendo recordar:

1. A “descoberta da infância” a partir do Século XVII, isto é, “a consciência da particularidade infantil; essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo do jovem” (ARIÈS, 1978, p. 156). E da adolescência, na 2ª metade do Século XIX, notadamente a partir dos estudos de Stanley Hall (1846-1924) sobre a Psicologia da Adolescência dando-lhe visibilidade social;
2. A “invenção” da velhice, no Século XX, com o aumento da expectativa de vida, o desenvolvimento da gerontologia, da psicogerontologia e da educação intergeracional, e a produção de obras como “A Velhice” de Simone de Beauvoir (1970).

A palavra geração para, Attias-Donfut (1988, p. 11), comporta várias formas de uso: “todos os seres que descendem de algum dos graus de parentesco; espaço de tempo correspondente ao intervalo que separa cada um dos graus de uma filiação; todos os indivíduos com aproximadamente a mesma idade”. (Tradução nossa), definindo-a como um “espaço de gerações”, “a marca do tempo”.

E, segundo Forquin (2003), em geral, há três acepções possíveis da noção de geração:

1. A de filiação, numa acepção genealógica, das ordens das gerações em uma dada família;
2. Do período da vida, no sentido de classe ou de categoria de idade característica, voltado para uma acepção psicobiológica;
3. Da mesma época da vida, a partir de sua acepção histórica e sociológica, designando um conjunto de pessoas nascida numa mesma época ou em épocas próximas, tendo em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultura.

Mas para ele:

Uma geração não é formada apenas por pessoas de mesma idade ou nascidas numa mesma época, e sim também por pessoas que foram modeladas numa época dada, por um mesmo tipo de influência educativa, política ou cultural, ou que vivenciaram e foram impressionadas pelos mesmos eventos, desenvolvem sobre a base de uma experiência comum ou semelhante, os elementos de uma consciência de se ter vínculos em comum, o que pode ser chamado de «sentimento de geração» ou ainda de «consciência de geração». (FORQUIN, 2003, p.2)

Convém registrar que uma distinção entre a acepção de graus na filiação e a de “gerações sociais” foi introduzida, em 1920, por François Mentré, no seu livro “As gerações sociais”. E, em 1928, a publicação do ensaio “O problema das gerações”, trouxe em evidência o problema sociológico das gerações.

Para Mannheim (1982) a geração:

Não é um grupo social concreto no sentido de uma comunidade, isto é, um grupo que não pode existir sem os seus membros terem um conhecimento concreto um dos outros e que cessa de existir como uma unidade mental e espiritual assim que é abolida a proximidade física. (MANNHEIM, 1982, p. 69).

Segundo Neri (2005) intergeracional é o termo utilizado para se referir às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações, que envolve toda a vida social dos indivíduos, e não apenas o contexto familiar, como comumente é visto. E a intergeracionalidade é um conceito amplo, e é permeada por determinantes sociais, raça, gênero, etnia, classe, biológica e cultural.

No que se refere a ações intergeracionais, os Estados Unidos foram os pioneiros, desde a década de 1963, com ampliação nos anos 70 do Século XX. Na Europa e na América Latina, os

programas intergeracionais se multiplicaram nos anos de 1990. Os países da Comunidade Europeia estabeleceram o ano de 1993 como o “Ano da Solidariedade entre as Gerações”.

3. PEDAGOGIA SOCIAL E COEDUCAÇÃO DE GERAÇÕES

Reconhecemos que a prática da Pedagogia Social favorece o convívio entre gerações, e as possibilidades de transmissão de saberes entre elas. De acordo com Dumazedier, citado por Ramos (2012, p. 41-42), essas aprendizagens podem acontecer:

1. Das velhas gerações para as novas, especialmente no seio familiar, por meio da transmissão de conhecimentos e das tradições;
2. Das novas gerações para as mais velhas, por meio de práticas de autoformação, em espaços institucionais de aprendizagem ao longo da vida;
3. A coexistência pacífica ou conflituosa entre os saberes de ontem e de hoje, na perspectiva da coeducação das gerações, com o objetivo de dialogar e negociar fronteiras entre os saberes e as competências de ontem e de hoje e combater as questões geracionais.

Portanto estamos falando da coeducação entre gerações e, de acordo com (FERRIGNO, 2010):

Efetivamente, no cotidiano das relações interpessoais de todos nós está sempre presente a oportunidade da coeducação. Nesse encontro de velhos e moços, em que as gerações se coeducam, o que é especificamente atribuível à influência do fator geração? Qual é a especificidade da coeducação de gerações? Experiências vividas? (...) a transmissão de ensinamentos a partir do vivido fica mais imediatamente clara quando se fala de uma contribuição das gerações mais velhas para as mais novas. (FERRIGNO, 2010, p.180).

Para ele a coeducação entre as gerações engloba: a transmissão da memória cultural, a vivência de novas experiências; a construção de diferentes formas de relação ao envelhecimento; o enfrentamento de conflitos e de poder nas relações entre as gerações a partir do respeito e da solidariedade; aprender a libertar-se de preconceitos e estereótipos, a ter ideias “modernas” e perder o receio de “ousar”. E reconhecemos, assim como Ramos (2012), que:

As atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitando as diferenças e conhecimentos, criam um espaço comum de troca mútua de saberes e afetos, de solidariedade e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens a partir do conhecimento e da experiência de cada um. (RAMOS, 2012, p. 43)

A educação intergeracional e os programas intergeracionais são importantes para a promoção das relações sociais e para as aprendizagens entre as gerações, conforme afirma Saez Carreras (2002).

4. PARA CONCLUIR...OS DESAFIOS

Compreendemos a importância da Pedagogia Social vivenciada numa perspectiva intergeracional, entretanto, apesar de seus avanços e do convívio intergeracional, ainda são muitos os desafios, principalmente aqueles originados pelo idadismo em suas diversas manifestações nos diferentes espaços públicos e privados, visto que:

Atualmente, o idadismo é entendido como “atitudes ou comportamentos negativos em relação a uma pessoa baseadas somente na sua idade” (GREENBERG; SCHIMEL; MARTENS, 2002, p. 27). Nesta definição, o idadismo é entendido como referente a qualquer faixa etária: não só acontece das gerações mais novas em relação às mais velhas, como foi inicialmente considerado, mas também das gerações mais velhas em relação às mais novas. (COELHO, 2013, p. 2).

Por outro lado, é preciso considerar que a intergeracionalidade pode contribuir significativamente para o combate ao idadismo. O que nos remete ao que Paulo Freire nos alertava:

A possibilidade de discernir, comparar, escolher, programar, atuar, avaliar, nos compromete, nos arrisca, faz-nos seres da decisão, portanto seres éticos. Por isso é um imperativo ético lutar contra a discriminação. Discriminados porque negros, mulheres, homossexuais, trabalhadores, brasileiros, árabes, judeus, [e acrescentamos: idosos ou idosas] não importa por que, temos o dever de lutar contra a discriminação. (FREIRE, 2003, p. 70).

Portanto, reconhecer a intergeracionalidade em nosso cotidiano e evidenciar a sua importância para/na formação do/a educador/a social, requer assumir uma postura dialógica, na perspectiva freiriana.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. (1978). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Koogan.

ATTIAS-DONFUT, C. (1988). *Sociologie des Générations: L’empreinte du temps*. Paris: Presses Universitaires de France.

BEAUVOIR, S. (1990). *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

COELHO, C. (2013). *Idades apartadas: pensar o idadismo e a intergeracionalidade*. In: PEREIRA, J. et al. (coord.). *Animação Sociocultural, Gerontologia e Geriatria: a Intervenção Social, Cultural e*

Educativa na Terceira Idade. Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural. Portalegre, Portugal: Chaves.

FERRIGNO, J. C. (2010). *Coeducação entre Gerações*. São Paulo: Edições SESC.

FREIRE, Paulo. (2003). *À Sombra desta Mangueira*. 5ª Edição. São Paulo: Olho d'Água.

FORQUIN, J. (2003). Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. IN: Anais Congresso Internacional Coeducação de Gerações SESC. São Paulo.

LEITÃO NUNES, I. de M. (2023). HISTÓRIAS DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS E A COEDUCAÇÃO: REGISTROS DE UM PERCURSO. HOLOS, 2(39). Recuperado de <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/15263>

MACHADO, E. R. (2014). *O Desenvolvimento da Pedagogia Social sob a perspectiva comparada: o estágio atual no Brasil e Espanha* Tese USP São Paulo: USP.

MANNHEIM, K. (1982). *O problema sociológico das gerações*. Tradução: Cláudio Marcondes, In Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática.

Mendizabal, M. R. L. (2016). La pedagogía social: una disciplina básica en la sociedad actual. *HOLOS*, 5, 52–69. <https://doi.org/10.15628/holos.2016.4729>

NERI, A. L. (2005). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas-SP: Alínea.

RAMOS, N. (2012). Avós e Netos através da(s) Imagem (s)e das Culturas. In: RAMOS, N.; MARUJO, M.; BAPTISTA, A. *A voz dos avós: migração, memória e património cultural*. 2ª Edição. Coimbra: Pro Dignitate:Gráfica de Coimbra.

SÁEZ CARRERAS, J. (2002). *Pedagogia social y programas intergeracionale: educacion de personas mayores*, Malaga: Aljibe.

OLIVEIRA, P. (1999). *Vidas Compartilhadas: cultura e coeducação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Leitão Nunes, I. de M. PEDAGOGIA SOCIAL E INTERGERACIONALIDADE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA. HOLOS, 4(40). Recuperado de <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/17434>

SOBRE A AUTORA

IRAN DE MARIA LEITÃO NUNES

Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Especialização em Orientação Educacional pela Pontifícia Universidade

Católica de Minas Gerais, Mestrado em Administração e Supervisão Escolar - American World University of Iowa, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pós-doutorado na Universidade Aberta de Lisboa. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, Relações de gênero e educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero – GEMGe. Editora da Revista Cadernos de Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão.

E-mail: iran.nunes@ufma.br

ORCID-ID: <https://orcid.org/0000-0002-4309-0742>

Editor(a) Responsável: Maura Costa

Pareceristas Ad Hoc: Marlúcia Menezes Paiva e Valentin Martínez-Otero Pérez



Recibido 05 de janeiro de 2024

Aceito: 12 de julho de 2024

Publicado: 01 de setembro de 2024